XXVII Encontro de Iniciação à Docência

https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/enid/index

Pró-Reitoria de Graduação – ENID – 2025

ARTIGO SUBMETIDO AO XXVII ENID - 2025 - UFPB

PRÁTICAS DE LEITURA E LETRAMENTO LITERÁRIO NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO: OBSERVAÇÕES A PARTIR DA EXPERIÊNCIA PIBIDIANA

Marina Rodrigues Mendes;
Rayssa Rafaella Leite Batista;
Vanessa Madruga de Carvalho;
Joseval de Reis Miranda.

Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID
CE – Campus I- João Pessoa, Paraíba, Brasil

RESUMO:
O presente estudo tem como objetivo compreender a relação dos alunos das turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Índio Piragibe com os livros de literatura infantil ao longo do ano de 2025, bem como identificar a influência do espaço e do tempo nas práticas literárias dessas turmas. A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório, foi realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a partir da vivência de bolsistas no subprojeto de Pedagogia/Alfabetização. O texto apoia-se na contribuição de autores como Souza e Cosson (2011), Machado, Souza e Almeida (2018), Silva e Ribeiro (2017), que compreendem o letramento literário como um processo social, cultural e educativo que ultrapassa a mera decodificação. Nesse contexto, a literatura infantil é entendida como instrumento de formação do leitor crítico e sensível, capaz de mediar o contato da criança com o mundo simbólico e ampliar suas experiências linguísticas e afetivas. A partir dessas discussões, destaca-se o papel fundamental da escola como espaço de democratização do acesso à leitura, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, nos quais a presença do livro fora do ambiente escolar é escassa. A pesquisa indica que, nas turmas de 1º ano, o "Cantinho da Leitura" constitui um espaço com potencial para o incentivo à leitura; no entanto, seu uso efetivo ainda precisa ser mais explorado nas práticas literárias. As atividades já realizadas pelas professoras regentes incluem leituras em voz alta, seguidas de rodas de conversa, com o intuito de estimular a escuta atenta e a interpretação crítica. O acesso aos materiais também é destacado como um fator importante, havendo dificuldades em ambos os anos: enquanto as turmas do 1º ano não possuem acesso livre à biblioteca durante o período escolar, a turma do 2º ano, embora tenha maior acesso à biblioteca, não conta com livros literários dentro da sala de aula, em espaço específico.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário. Literatura infantil. Literatura na escola.

INTRODUÇÃO

No processo de alfabetização, as práticas de leitura desempenham um papel fundamental no letramento e na formação do leitor crítico. Na sala de aula, tais práticas constituem ferramentas de aproximação entre o sujeito e o mundo letrado, ao tornarem concreta a relação entre ambos. Na experiência pibidiana, é possível observar de perto a realidade desse processo.

O presente estudo volta-se para as práticas literárias na escola e tem como objetivos compreender a relação dos alunos das turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Índio Piragibe com os livros de literatura infantil ao longo do ano de 2025 e identificar a influência do espaço e do tempo nas práticas literárias dessas turmas.

Para esse estudo, mostrou-se mais adequada uma abordagem qualitativa, por permitir a compreensão de questões particulares nos fenômenos estudados (Richardson, 2008). Iniciou-se, então, uma pesquisa exploratória, que possibilitou a aproximação com o tema e qualificou a observação do fenômeno.

Assim, foi possível a produção do texto que se apresenta a seguir, estruturado da seguinte forma: percurso metodológico — seção em que será aprofundado os procedimentos da pesquisa, bem como as características das escolas e das turmas estudadas; referencial teórico — no qual serão apresentadas as produções acadêmicas selecionadas para dialogar com a realidade observada; na seção seguinte, resultados e discussões; e, por fim, as considerações finais, que reúnem as principais aprendizagens decorrentes desta vivência.

METODOLOGIA

A Escola Municipal Índio Piragibe (EMIP) encontra-se localizada no bairro de Mangabeira VII e conta com turmas do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, além de turmas da Educação de Jovens e Adultos. A instituição recebe alunos de diversas partes da cidade, mas seu maior público consiste em crianças, jovens e adultos das camadas populares que vivem nas imediações dessa escola.

A EMIP contou, no ano de 2025, com a presença de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) para a execução do subprojeto de alfabetização nas turmas de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Fundamental. Durante essa experiência, entre as diversas atividades realizadas, foram promovidas oficinas de literatura infantil com contação de histórias e outras ações, que variaram de acordo com cada bolsista. Com essas oficinas, o debate sobre histórias infantis tornou-se mais presente entre os bolsistas, as professoras regentes e os alunos da EMIP.

Desse modo, foi possível refletir sobre as possíveis relações entre os alunos e os livros, levantando-se as seguintes perguntas: (1) Qual a relação dos alunos das turmas de 1º e 2º ano do Ensino Fundamental da EMIP com os livros de literatura infantil ao longo do ano de 2025? (2) Como se estabelecem as relações de espaço e tempo nas práticas literárias da EMIP no ano de 2025?

Considerando o objeto e as perguntas levantadas, tornou-se necessário adotar um formato de pesquisa que permitisse abarcar a questão de forma qualificada. Embora o número de observações tenha sido restrito, o conhecimento profundo de cada uma delas foi possível devido à presença das autoras no ambiente escolar pelo menos duas vezes por semana, durante aproximadamente dez meses. Por isso, optou-se pelo caminho das pesquisas qualitativas, pois essas permitem:

> [...] descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos (Richardson, 2008, p. 80).

Diante do exposto, como buscamos compreender o objeto de estudo a partir das observações realizadas no contato cotidiano com as turmas da Escola Municipal Índio Piragibe, por meio do Pibid, a abordagem qualitativa mostrou-se a mais apropriada. Essa abordagem envolveu uma pesquisa exploratória, com o objetivo de promover maior familiarização com o tema (Gil, 2002) e com a escola estudada. Para isso, utilizou-se a observação de elementos-chave: a presença dos livros em sala de aula e sua disposição, as visitas guiadas ou espontâneas à biblioteca e as práticas literárias das professoras regentes e de seus alunos.

Assim, foi realizada uma análise temática das observações, buscando identificar o acesso e a utilização dos livros literários por professoras e alunos (de forma espontânea ou orientada), as contações de histórias, as leituras deleite e o interesse demonstrado pelos alunos diante das atividades propostas.

REFLEXÕES SOBRE LITERATURA INFANTIL E ALFABETIZAÇÃO: ESTABELECENDO RELAÇÕES

O contato com a literatura infantil é um tema importante quando se fala em letramento literário. Autores como Souza e Cosson (2011), Machado, Souza e Almeida (2018) discutem essa questão, variando seus enfoques. Ao tratar do letramento literário, o contexto social em que a criança está inserida é um fator determinante no que diz respeito ao seu contato e acesso a materiais escritos e práticas de leitura. Essa relação torna-se ainda mais complexa durante o processo de alfabetização, visto que ele ocorre, de forma introdutória, nos primeiros anos da escolarização obrigatória, fase em que muitas crianças brasileiras têm acesso ao mundo literário pela primeira vez. Em contextos socioeconômicos mais favorecidos, o acesso a livros, a presença de adultos leitores, o letramento familiar e a participação em atividades culturais que valorizam a leitura tendem a ser mais frequentes, o que resulta em maior intimidade e aproximação com a leitura literária, considerando que:

> Aquelas que tiveram a oportunidade de ouvir histórias, de manusear livros, de presenciar outras pessoas lendo literatura possivelmente poderão manifestar maior familiaridade com histórias e poemas do que aquelas que não passaram por essas experiências (Machado; Souza; Almeida, 2018, p. 12).

Por outro lado, em contextos de maior vulnerabilidade social, o acesso a livros e à leitura por prazer pode ser limitado em virtude das demandas de sobrevivência, o que compromete significativamente a posterior relação com a leitura que se espera desenvolver no ambiente escolar. É importante, entretanto, ressaltar que isso não significa ausência de práticas de oralidade ou narrativas, mas sim um possível distanciamento em relação às formas escritas e aos gêneros textuais comumente valorizados pelo sistema educativo (Machado; Souza; Almeida, 2018).

Dessa forma, compreender a leitura como prática social implica reconhecer que ela não se constrói de maneira isolada, mas resulta de um conjunto de experiências, interações e condições socioculturais que moldam a relação da criança com o mundo escrito.

Nesse sentido, Machado, Souza e Almeida (2018) afirmam que a escola de ensino fundamental deve levar em consideração as desigualdades de condições sociais para atender às múltiplas realidades de inserção das crianças no processo de letramento literário. Paulino e Cosson (2009 *apud* Souza; Cosson, 2011) definem o letramento literário como "[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos". Para realizar esse tipo de letramento, a escola possui papel essencial, pois é por meio dela que deve ocorrer a sistematização da prática de leitura de textos literários como um processo educativo específico. Por essa razão, ao chegar à escola, no processo de alfabetização, é justo que todos esses sujeitos sejam contemplados e assistidos pelo sistema e pelos professores, que também se tornam responsáveis por propiciar um ambiente fértil e seguro para que o letramento literário aconteça para todos, bem como incentivar o gosto pela literatura e estimular o hábito da leitura (Silva; Ribeiro, 2017).

Ainda pensando na escola, Souza e Cosson (2011) discutem a seleção de materiais e os suportes utilizados, que nem sempre são adequados ou proveitosos, especialmente quando ocorre a transposição do texto do suporte original — o livro infantil — para outros formatos, como o livro didático. Nesse sentido, os autores retomam as instâncias de escolarização da literatura mencionadas por Magda Soares (1999 *apud* Souza; Cosson, 2011), destacando que:

> A leitura e o estudo dos textos literários é, em sala de aula, outra instância da escolarização. Não podemos negar que essa escolarização pode acontecer de maneira inadequada quando a escola utiliza um texto literário, deturpando-o, falseando-o, transformando o que é literário em pedagógico (Souza; Cosson, 2011, p. 103).

Desse modo, o respeito ao texto em seu formato original faz parte da sistematização adequada para que esse processo educativo ocorra de forma a garantir o letramento literário. Historicamente, as narrativas eram contadas de forma oral e foram transmitidas de geração em geração, consolidando uma tradição que, mais tarde, seria adaptada para versões mais amenas

direcionadas ao público infantil.

A tradição de contar histórias oralmente se mantém por meio da leitura ou contação feita por pais, avós e professores, demonstrando a importância da oralidade nessa prática, especialmente quando se trata de crianças em fase de alfabetização. Machado, Souza e Almeida (2018) afirmam que o "ouvir/contar" é uma estratégia para construir experiências positivas, repertórios e seduzir as crianças a se aventurarem pelo universo dos livros. Em relação à leitura ou declamação de poesia, o uso da oralidade mostra-se ainda mais decisivo, visto que:

> Esses usos chamam a atenção para aspectos como a sonoridade, o ritmo, a rima em sua relação com os sentidos. No caso das manifestações poéticas da oralidade, como parlendas ou trava-línguas, pode-se dizer que importa mais a materialidade sonora que propriamente os sentidos (Machado; Souza; Almeida, 2018, p. 81).

A partir desse pensamento, destaca-se a importância do contador de histórias na experiência de envolver o ouvinte e formar o futuro leitor. Há o elemento de encantar por meio da fala, de fazer o ouvinte mergulhar no mundo apresentado pela narrativa. É importante observar também que os contadores podem ser tanto familiares — que possuem uma relação afetiva com o ouvinte — quanto profissionais, que se dedicam à compreensão dessa arte.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Sabendo, portanto, da importância de fomentar leitores literários, concentramos nossas observações nas práticas literárias das turmas em que tivemos vivência cotidiana: duas turmas de 1º ano e uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Tais observações ocorreram ao longo do ano letivo de 2025 e permitiram identificar alguns aspectos pedagógicos, metodológicos e estruturais que influenciam o processo de formação de leitores.

Em relação à estrutura, foi possível constatar que, nas turmas de 1º ano, existe o chamado "Cantinho da Leitura". Trata-se de um espaço destinado especificamente à leitura literária com fruição, fomentando o hábito da leitura espontânea, uma vez que a disponibilidade e o fácil acesso contribuem significativamente para esse movimento por parte das crianças, sem que sejam necessários comandos da professora.

Na primeira turma do 1º ano observada, o espaço destinado às práticas de leitura é composto por duas pequenas prateleiras de madeira onde os livros ficam expostos, um cartaz colorido com os dizeres "Cantinho da Leitura Divertido" na parede e, no chão, um tapete emborrachado.

Na segunda turma, o espaço é muito semelhante fisicamente: duas prateleiras com livros, um tapete emborrachado com letras do alfabeto para encaixar e o desenho de uma menina negra e um menino branco sentados em cadeiras escolares, lendo um livro.

Em contraposição, não existe, na sala da turma do 2º ano, um espaço semelhante que tenha como finalidade incentivar a leitura literária. Os alunos dessa etapa têm maior possibilidade de visitar a biblioteca, já que, durante todo o ano, a escola esteve em reforma. Por essa razão, as aulas das turmas do 1º ano ocorreram nas dependências de uma igreja vizinha. Essas turmas ficaram fisicamente afastadas dos ambientes comuns da escola, incluindo a biblioteca, que, por grande parte do ano, esteve improvisada em um espaço dentro do refeitório. Nesse sentido, a turma do 2º ano possui vantagem em relação às turmas do 1º ano.

Apesar da existência desses espaços, eles são utilizados majoritariamente para práticas de leitura mediada ou contação de histórias, funcionando também, com frequência, como espaço de brincadeiras. Na primeira turma, as práticas de leitura são realizadas pela professora nos dias em que leciona a primeira aula — três vezes por semana —, iniciando a manhã com o momento da "Escuta Atenta". Nesse momento, ela escolhe um livro do Cantinho da Leitura, senta-se à frente da turma e faz a leitura deleite. Durante a leitura, as crianças são estimuladas a ouvir com atenção, sem interrupções. Ao final, a professora promove uma roda de conversa sobre o texto, respondendo questionamentos e promovendo reflexões, com o intuito de mobilizar o pensamento crítico e a habilidade de inferência dos alunos. Ela também articula, sempre que possível, elementos da história com conteúdo já trabalhado pela turma. Apesar disso, não se percebeu incentivo específico para que os alunos acessassem os livros de maneira espontânea, visto que o

contato com os livros ocorre sempre com a mediação da professora.

Na segunda turma analisada, o Cantinho da Leitura é utilizado de forma diferente: os alunos folheiam os livros sempre que têm interesse, nos momentos finais das aulas, após concluírem as atividades propostas. Também é usado como espaço de relaxamento para crianças nervosas ou que se sentem mal. As leituras — deleite—, são realizadas pela professora de forma esporádica, e alguns alunos interessados são incentivados a levar livros emprestados para casa. Os livros são trocados regularmente pela professora, que busca outros exemplares na biblioteca da escola.

Esse contato direto com os livros é especialmente importante nas turmas de 1º ano, já que, paralelamente, são introduzidos os livros didáticos. É fundamental que se estabeleça a distinção entre o livro literário, voltado para o prazer da leitura, e o livro didático, voltado para o processo pedagógico (Souza; Cosson, 2011).

Apesar de terem acesso facilitado à biblioteca, os alunos do 2º ano não a utilizam de forma proveitosa, e suas visitas são escassas, tanto as conduzidas pela professora, com caráter pedagógico, quanto as visitas espontâneas, que acabam sendo limitadas. Em sala de aula, não foram observadas práticas de mediação literária, como contação de histórias ou leitura em voz alta, ocorrendo leitura apenas em atividades didáticas, como já apontado por Souza e Cosson (2011).

A ausência de momentos de fruição literária pode reduzir o interesse das crianças pela leitura, uma vez que o contato com textos literários é essencial para despertar a imaginação e o prazer de ler. Quando restrita a exigências escolares, a leitura perde seu caráter estético e afetivo, o que dificulta a formação de leitores autônomos e sensíveis.

A relação da escola com o Pibid pode ser mencionada como uma experiência de aproximação com a leitura literária, já que, nas turmas de 1º ano, foi realizada uma oficina com contação de histórias selecionadas também com base no interesse dos alunos. Nessas oficinas, foi possível introduzir temas sociais importantes — como relações étnico-raciais e ressignificação do medo — por meio de livros de literatura infantil voltados para o lúdico, o que despertou grande interesse dos alunos. A atenção e a participação foram notáveis, assim como a apropriação do conteúdo das histórias, que foi mencionada por eles em diversos momentos posteriores.

A existência dos espaços de leitura e das leituras deleite ou contações de histórias tem grande importância para as crianças, uma vez que o acesso aos textos literários, como apontam Machado, Souza e Almeida (2018), promove familiaridade com o texto literário. Esse acesso não estaria disponível para grande parte das crianças que frequentam a EMIP devido ao grau de vulnerabilidade socioeconômica, conforme relatado pelas professoras e pelo Projeto Político-Pedagógico da escola.

Apesar disso, o incentivo à leitura, a inclusão de momentos de leitura e atividades de compreensão de livros no cotidiano escolar são essenciais, já que a escola é o espaço responsável por sistematizar o processo pedagógico da leitura literária (Souza; Cosson, 2011). A ausência ou baixa frequência dessas práticas pode refletir na dificuldade de formar leitores.

O interesse pelas contações e leituras deleite, bem como a participação das crianças nesses momentos, reflete também o grau de oralidade que demonstram. Como afirmam os autores mencionados, no decorrer desse texto a tradição oral — presente mesmo em contextos distantes da cultura letrada e transmitida por familiares — contribui significativamente para a formação de leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências relatadas neste estudo permitem compreender diversos aspectos das práticas literárias das turmas incluídas na pesquisa, como a maneira pela qual a leitura literária se insere na rotina escolar, nos espaços da escola e nas ações das professoras e dos alunos. A vivência na escola também possibilita compreender as diversas dificuldades que surgem para a implementação das práticas indicadas pelos autores estudados.

A relação dos alunos com os livros literários varia conforme o ano escolar em que se encontram. As turmas de 1º ano possuem maior proximidade física com os livros, pois estes se encontram dentro da sala de aula, no cantinho da leitura, além de maior familiaridade com o material no ambiente escolar, por meio das leituras deleite e contações de histórias. Em uma das turmas, o manuseio e o contato direto com os livros são mais incentivados do que na outra. Já a

turma do 2º ano tem acesso a uma maior variedade de obras, uma vez que pode utilizar livremente a biblioteca da escola.

O espaço e o tempo destinados às práticas literárias foram observados nesta pesquisa por meio da análise da estrutura dos ambientes dedicados à leitura literária, da rotina das turmas, das práticas das professoras regentes e da recepção dos alunos. Com isso, foi possível compreender que a relação com esses elementos é fundamental para o desenvolvimento de leitores. A estrutura da EMIP inclui recursos importantes para a formação leitora, como biblioteca, cantinho da leitura e professoras qualificadas para a utilização desses espaços. Percebe-se, ainda, a valorização do tema na própria parceria da escola com o Pibid. Entretanto, dificuldades estruturais também se evidenciam, especialmente em razão das reformas que afetaram as turmas do 1º ano e a biblioteca da escola.

As ações, como a inclusão das leituras deleite e do cantinho da leitura nas turmas de 1º ano, constituem práticas importantes que contribuem para superar os desafios decorrentes da reforma escolar. É relevante destacar que a conclusão das obras possivelmente trará inúmeros benefícios aos alunos, com espaços mais adequados tanto às práticas pedagógicas em geral quanto às práticas literárias.

Conclui-se que a promoção do letramento literário depende de uma ação pedagógica intencional e sensível, capaz de reconhecer o livro não apenas como recurso didático, mas como objeto cultural e afetivo. A criação de espaços de leitura dinâmicos e acessíveis, a ampliação das oportunidades de contato autônomo com os textos e a formação docente voltada à mediação literária constituem elementos indispensáveis para a consolidação de práticas leitoras significativas. Este estudo reafirma o papel da literatura infantil como mediadora entre o imaginário da criança e o mundo escrito, ressaltando a importância da escola na formação de leitores críticos, autônomos e conscientes de sua voz na sociedade.

REFERÊNCIAS

MACHADO, Maria Zélia Versiani; SOUZA, Maria José Francisco de; ALMEIDA, Eliana Guimarães. Introdução. *In:* MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). **Literatura Infantil na Alfabetização**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 11-32.

MACHADO, Maria Zélia Versiani; SOUZA, Maria José Francisco de; ALMEIDA, Eliana Guimarães. Ouvir, declamar e ler poemas. *In:* MACHADO, Maria Zélia Versiani (org.). **Literatura Infantil na Alfabetização**. Belo Horizonte: UFMG, 2018, p. 81-99.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 8. Reimp. São Paulo: Atlas. 2008.

SILVA, Judite T; RIBEIIRO, Janete Santa Maria. A importância da literatura na alfabetização. **Revista Eletrônica Científica Inovação e Tecnologia**. Medianeira, Edição Especial - Cadernos Ensino/EaD 2017. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/recit. Acesso em: 27 de out. 2025.

SOUZA, Renata Junqueira de; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. **Repositório Digital da UNESP**, [s.l.], p. 101-107, ago. 2011. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf. Acesso em: 1 nov. 2025.